

"A Tumba" – H. P. Lovecraft

A O RELATAR AS circunstâncias que me levaram a ser confinado neste refúgio para dementes, tenho consciência de que minha presente condição criará uma dúvida natural quanto à autenticidade de minha narrativa. É um fato infeliz que a maior parte da humanidade possua uma visão mental muito limitada para pesar com paciência e inteligência aqueles fenômenos isolados que repousam além de sua experiência cotidiana e são vistos e sentidos por uns poucos psicologicamente sensíveis. Homens de intelecto mais abrangente sabem que não há distinção radical entre o real e o irreal; que todas as coisas parecem como são apenas em virtude dos delicados meios físicos e mentais através dos quais tomamos consciência delas; mas o materialismo prosaico da maioria condena como loucura os lampejos de visão superior que penetram o véu universal do empirismo óbvio.

Meu nome é Jervas Dudley, e desde a mais tenra infância tenho sido um sonhador e um visionário. Rico o Suficiente para não necessitar de uma vida profissional, e inadaptado por temperamento aos estudos formais e à recreação social de meus conhecidos, sempre habitei reinos isolados do mundo visível; passei minha infância e adolescência lendo livros antigos e pouco conhecidos, e vagando pelos campos e bosques da região perto da casa de meus antepassados. Não acho que o que li nesses livros ou vi nesses campos e bosques era exatamente o que outros garotos liam e viam por lá; mas disso pouco devo falar, já que uma narrativa detalhada apenas confirmaria aquelas calúnias cruéis ao meu intelecto, que às vezes ouço sussurrarem os serviços ao meu redor. Basta para mim relatar eventos sem analisar causas.

Eu mencionei que habitei reinos isolados do mundo visível, mas não disse que os habitei sozinho. Isto nenhuma criatura humana pode fazer; por carecer da companhia dos vivos, ela inevitavelmente procura a convivência de coisas que não são, ou não são mais, vivas. Perto da minha casa há um estranho vale, em cujas profundezas sombrias passava a maior parte do meu tempo lendo, pensando e sonhando. Os primeiros passos de minha infância foram dados abaixo de seus barrancos cobertos de musgo, e ao redor de seus carvalhos grotescos e retorcidos teci minhas primeiras fantasias infantis. Mal conheci as dríades que reinavam naquelas árvores, passei a assistir freqüentemente suas danças frenéticas nos débeis raios de uma lua minguante - mas não devo falar dessas coisas. Falarei apenas da tumba solitária na parte mais escura da encosta do bosque; a tumba abandonada dos Hydes, uma família antiga e nobre. cujo último descendente direto foi sepultado em seus recantos negros muito antes de eu nascer.

A cripta à qual me refiro é de granito antigo, desgastado e descolorido pelas brumas e pela umidade de séculos. Encravada na encosta, apenas a entrada da estrutura é visível. A porta, uma laje de pedra maciça e intransponível, é presa por dobradiças enferrujadas, e mantida entreaberta de uma forma sinistra por meio de correntes de ferro e cadeados, de acordo com um estilo horrendo de meio século atrás. A morada da linhagem cujos herdeiros estão sepultados aqui já coroou o declive que sustenta a tumba, mas há muito tombou vítima das chamas causadas pela queda de um raio. Sobre a tempestade que destruiu esta mansão sombria à meia-noite, os habitantes mais antigos da região falam às vezes em vozes baixas e nervosas, aludindo ao que chamam de "ira divina", de uma forma que anos depois aumentou vagamente a sempre intensa fascinação que eu sentia quanto ao sepulcro escurecido pela floresta. Apenas um homem havia perecido no incêndio. Quando o último dos Hydes foi enterrado neste local de sombras e quietude, a triste urna de cinzas veio de uma terra distante, para onde a família tinha se mudado após o incêndio. Não resta mais ninguém para deixar flores no portal de granito, e poucos ousam enfrentar as sombras deprimentes que parecem pairar de maneira estranha sobre as pedras desgastadas pelas chuvas.

Jamais me esquecerei da tarde em que me deparei pela primeira vez com aquela semioculta casa da morte. Foi em meados do verão, quando a alquimia da natureza transmuda a paisagem silvestre em uma vívida e quase homogênea massa de verde: quando os sentidos estão quase totalmente intoxicados com os mares revoltos de verdor úmido e os odores sutilmente indefiníveis do solo e da vegetação. Em tal ambiente, a mente perde a perspectiva: tempo e espaço se tornam triviais e irrealis, e ecos de um passado pré-histórico esquecido atingem insistentemente a consciência subjugada.

O dia inteiro eu estivera vagando pelos bosques místicos do vale: tendo pensamentos que não preciso discutir e conversando com coisas que não preciso nomear. Na época, uma criança de dez anos, eu já tinha visto e ouvido muitas maravilhas desconhecidas da maioria; e era estranhamente

amadurecido em certos aspectos. Quando, forçando caminho entre duas roseiras silvestres, subitamente encontrei a entrada da cripta, não fazia idéia do que havia descoberto. Os blocos negros de granito. A porta tão curiosamente entreaberta, e os entalhes funerários acima do arco, não despertaram em mim nenhuma associação de caráter melancólico ou terrível. Conhecia e imaginava muito sobre sepulturas e túmulos, mas devido ao meu temperamento peculiar, era mantido à distância de todo contato pessoal com jardins de igrejas e cemitérios. A estranha casa de pedra na encosta da floresta era para mim apenas uma fonte de interesse e especulação: seu interior frio e úmido, dentro do qual eu tentei inutilmente penetrar através da abertura cuja existência me torturava, não continha para mim nenhum sinal de morte ou decadência. Mas, naquele instante de curiosidade, nasceu o desejo loucamente irracional que me trouxe a este confinamento infernal. Impulsionado por uma voz que deve ter vindo da alma hedionda da floresta, resolvi entrar na escuridão convidativa, a despeito das pesadas correntes que barravam minha passagem. À pálida luz do dia, forcei alternadamente os obstáculos enferrujados para alargar a abertura da porta de pedra e ensaiei espremer meu Corpo magro através do espaço já disponível: mas meu plano não encontrou sucesso. Inicialmente curioso, estava agora frenético: e quando voltei para casa no crepúsculo que se adensava, jurei às centenas de deuses do bosque que a qualquer custo eu algum dia forçaria uma entrada às profundezas escuras e frias que pareciam chamar por mim. O médico de barbas grisalhas que vem todo dia ao meu quarto disse uma vez a um visitante que essa decisão marcou o começo de uma lamentável monomania; mas eu deixarei o julgamento final aos meus leitores quando eles tiverem conhecido tudo.

Os meses que se seguiram à minha descoberta foram dedicados a tentativas fúteis de forçar o complicado cadeado da cripta levemente aberta, e a inquéritos cuidadosamente disfarçados sobre a história e natureza da estrutura. Aprendi muito com os ouvidos tradicionalmente receptivos de menino e uma discrição habitualmente me fez não dizer a ninguém sobre minhas informações ou minha resolução. Talvez seja importante mencionar que eu não estava totalmente surpreso ou aterrorizado em conhecer a natureza da cripta. Minhas idéias originais a respeito da vida e da morte tinham me feito associar, de uma forma vaga, o barro úmido com o corpo que respira; e eu sentia que a grande e sinistra família da mansão incendiada estava de alguma maneira representada dentro da câmara de pedra que eu procurava explorar. Histórias murmuradas dos ritos estranhos de uma época passada, que ocorriam na velha mansão, me deram um novo e forte interesse pela tumba, e agora eu ficava sentado em frente à porta horas por dia. De certa feita, coloquei uma vela dentro da entrada quase fechada, mas nada pude ver senão alguns degraus de pedra úmida que levavam a algum lugar abaixo. O odor do local, ao invés de me repelir, enfeitou-me. Eu achei que já o conhecia antes, num passado remoto, além de toda lembrança; e até mesmo além do tempo em que arrendei o corpo que agora ocupo.

Um ano depois que avistei a tumba pela primeira vez, deparei-me no sótão cheio de livros da minha casa, com uma tradução roída pelas traças, das Vidas de Plutarco. Lendo a vida de Teseu, fiquei muito impressionado com a passagem que falava da grande pedra debaixo da qual o herói juvenil encontraria seus símbolos do destino quando tivesse idade suficiente para erguer seu enorme peso. A lenda teve o efeito de dissipar minha impaciência aguda em entrar na cripta, pois me fez sentir que a hora ainda não havia chegado. Mais tarde, disse a mim mesmo, eu devia crescer até possuir força e maturidade suficientes para ser capaz de destrancar com facilidade as correntes pesadas da porta; mas até então, seria melhor me conformar com o que parecia ser a vontade do destino.

À medida que minhas observações do portal negro se tomaram menos persistentes, grande parte do meu tempo era dedicada a outros estudos igualmente estranhos. Acordava às vezes, muito silenciosamente à noite, saindo furtivamente para passear naqueles jardins de igreja e locais de sepultamento dos quais eu havia sido mantido afastado por meus pais. Não direi o que fiz lá, pois não estou certo agora da realidade de certas coisas; mas sei que no dia seguinte a uma perambulação noturna, eu podia freqüentemente deixar atônitos aqueles ao meu redor com meu conhecimento de tópicos quase esquecidos há muitas gerações. Foi após uma noite como essa que eu choquei a comunidade com um conceito excêntrico sobre o sepultamento do rico e célebre Squire Brewster, uma figura da história local que foi enterrada em 1711, e cuja lápide tumular, sustentando um crânio de granito e ossos cruzados, estava lentamente virando pó. Num momento de imaginação infantil, afirmei solenemente, não apenas que o dono da casa funerária, Goodman Simpson, havia roubado os sapatos de fivela de prata, meias de seda, e trajes menores de cetim do falecido antes do enterro; mas que o próprio Squire, não completamente inanimado, tinha se revirado duas vezes em seu esquife coberto de terra, no dia depois do enterro.

Mas a idéia de entrar na tumba muna deixou meus pensamentos; sendo até mesmo estimulada pela inesperada descoberta genealógica de que minha própria linguagem materna possuía pelo menos uma ligeira ligação com a supostamente extinta família dos Hydes. Último da minha linhagem paterna,

eu era igualmente o último de uma linhagem mais velha e mais misteriosa. Comecei a sentir que a tumba era minha, e a antever impacientemente a hora em que eu poderia transpassar aquela porta de pedra e descer aqueles degraus de pedra limosa na escuridão. Eu havia adquirido agora o hábito de ficar observando intensamente o portal ligeiramente aberto, escolhendo minhas horas favoritas de calma noturna para a estranha vigília. Quando fiquei mais velho, eu havia feito uma pequena clareira em frente à subida barrenta da encosta, permitindo que a vegetação ao redor crescesse e cercasse aquele espaço como os muros e teto de um caramanchão fechado. Esse caramanchão era meu templo, a porta trancada meu altar, e aqui eu ia deitar estendido no chão musgoso, tendo pensamentos e sonhos estranhos.

A noite da primeira revelação estava muito quente. Eu devo ter adormecido de fadiga, pois foi com uma distinta sensação de despertar que ouvi as vozes. Hesito em falar sobre esses tons e inflexões; não falarei de suas características; mas devo dizer que apresentavam certas diferenças estranhas em vocabulário, pronúncia e modo de expressão. Cada tom do dialeto da Nova Inglaterra, desde das sílabas grosseiras dos colonos puritanos até a retórica precisa de cinqüenta anos atrás, pareciam representados naquele colóquio obscuro, embora eu só tenha notado isso mais tarde. Na hora, na verdade, minha atenção fora distraída desse assunto por outro fenômeno; um fenômeno tão efêmero que eu não poderia garantir sua veracidade. Mal percebi que tinha acordado, uma luz se extinguiu apressadamente dentro do sepulcro Subterrâneo. Eu não acho que tenha ficado atônito ou em pânico, mas sei que fui bastante e permanentemente mudado aquela noite. Ao retornar para casa, fui diretamente a uma arca apodrecida no sótão, onde encontrei a chave que no dia seguinte abriu facilmente a barreira que eu tanto assaltara em vão.

Foi num fim de tarde ameno que entrei pela primeira vez na cripta da encosta abandonada. Um feitiço havia caído sobre mim, e meu coração pulava com uma exaltação que mal posso descrever. Quando fechei a porta atrás de mim e descii os degraus gotejantes com a luz de minha vela solitária, parecia saber o caminho; e embora a vela crepitasse com a atmosfera infecta do lugar, eu me sentia peculiarmente em casa naquele rançoso ar de cemitério. Olhando ao meu redor, contemplei muitas lajes de mármore sustentando caixões, ou restos de caixões. Alguns estavam selados e intactos, mas outros haviam quase se desmanchado, deixando as alças de prata e placas isoladas em meio a certas pilhas curiosas de poeira esbranquiçada. Em uma placa, li o nome de Sir Geoffrey Hyde, que tinha vindo de Sussex em 1640 e morrido aqui alguns anos depois. Numa alcova visível, estava um esquite razoavelmente bem conservado e não fixo, adornado com um único nome que me provocou tanto um sorriso quanto um estremeamento. Um estranho impulso me fez escalar até a laje larga, apagando minha vela, e deitando na caixa vazia.

À luz acinzentada do amanhecer, saí cambaleando da cripta e fechei a corrente da porta atrás de mim. Eu não era mais um jovem, embora apenas vinte e um invernos tivessem enregelado meu corpo. Aldeões madrugadores que observaram minha volta para casa me olharam estranhamente, e ficaram pasmos com os sinais de orgia obscena que viram em alguém cuja vida era conhecida por ser sóbria e solitária. Não apareci diante dos meus pais antes de um sono longo e reconfortante.

Depois disso, passei a freqüentar a tumba toda noite; vendo, ouvindo, e fazendo coisas que não devo recordar nunca. Minha linguagem, que sempre foi suscetível às influências do meio, foi a primeira coisa a sucumbir à mudança; e minha súbita obtenção de uma dicção arcaica foi logo notada. Posteriormente, uma estranha audácia e indiferença somaram-se ao meu comportamento, até eu adquirir inconscientemente a conduta de um homem do mundo, apesar de uma vida inteira de reclusão. Minha língua, anteriormente silenciosa, ampliou seu alcance com a elegância de um Chesterfield ou o cinismo ateu de um Rochester. Eu exibia uma erudição peculiar completamente diferente da cultura monacal e fantástica que possuía na juventude: e cobri as capas de meus livros com epigramas simples e improvisados, que traziam influências de Gay, Prior e os mais joviais poemas augustanos. Certa manhã, no desjejum, cheguei perto do desastre ao declamar, num tom de voz evidentemente embriagado, uma exaltação de júbilo orgiástico do século XVIII, um fragmento georgiano nunca registrado em livro, que era alguma coisa assim:

*Cheguem mais perto, meus rapazes, com suas canecas de cerveja,
E bebam ao presente, antes que acabe;
Cada um empilhe uma montanha de bife em seu prato,
Pois comer e beber nos dá alívio:
Então encham seus copos,
Que a vida logo passará;
Quando você está morto, nunca bebe ao seu rei ou à sua garota!
Anacreonte tinha um nariz vermelho, assim diziam;
Que é que tem um nariz vermelho se você é alegre e feliz?*

*Deus me parta! Prefiro ser vermelho enquanto estou aqui,
Que branco como um lírio - e morto à metade do ano!
Então, Betty, minha dama.
Venha aqui me dar um beijo;
No inferno não há filha de taberneiro como essa!
Jovem Harry, empinado o mais reto que pode,
Logo perderá sua peruca e se jogará embaixo da mesa,
Mas encha suas taças e passe-nas adiante,
Antes embaixo da mesa que embaixo do chão!
Portanto, farreie e brinque.
Enquanto bebe sedenta:
Debaixo de sete palmos de terra é menos fácil rir:
O Diabo me bate feio! Eu mal posso andar,
E maldito seja eu se sou capaz de me levantar ou falar!
Aqui, taberneiro, mande Betty trazer uma cadeira;
Vou tentar ir para casa um pouco, que a minha mulher não está lá!
Portanto, me dê uma mão;
Eu não estou podendo me levantar,
Mas sou feliz enquanto estiver em cima da terra!*

Foi por volta dessa época que concebi meu medo atual de fogo e trovões. Anteriormente indiferente a coisas assim, eu tinha agora um horror indizível delas; podia me esconder nos recantos mais escondidos da casa se os céus ameaçassem um espetáculo elétrico. Um de meus lugares preferidos para visitar durante o dia era o porão em ruínas da mansão que havia se incendiado, e em minhas fantasias podia visualizar como ela havia sido em seu auge. Numa ocasião, estarreci um aldeão, levando-o a um subterrâneo cuja existência eu parecia conhecer, apesar de estar oculto e esquecido há várias gerações.

Finalmente aconteceu o que eu temia há muito. Meus pais, alarmados pelos modos alterados e pela aparência de seu filho único, começaram a exercer, sobre meus movimentos, um tipo de espionagem que ameaçava resultar em desastre. Eu não havia dito a ninguém sobre minhas visitas à tumba, tendo guardado meu desígnio secreto com zelo religioso desde a infância; mas agora eu estava sendo forçado a tomar cuidado ao atravessar os labirintos do vale, pois poderia estar sendo seguido. Minha chave para a cripta ficava presa por uma corda ao redor do pescoço, e só eu sabia de sua presença. Eu nunca carregava para fora do sepulcro nenhuma das coisas com as quais ficava dentro de suas paredes.

Uma manhã, quando emergi da tumba úmida e tranquei as correntes do portão com uma mão não muito firme, vi em uma moita próxima, a face aterrorizante de um observador. Certamente o fim estava próximo; pois meu retiro havia sido descoberto e o objetivo de minhas jornadas noturnas revelado. O homem não se dirigiu a mim, portanto apressei-me em chegar em casa, num esforço em ouvir o que ele iria reportar ao meu pobre pai preocupado. Seriam minhas estadias além da porta trancada proclamadas ao mundo? Imagine meu deliciado assombro ao ouvir o espião informar a meu pai num sussurro cauteloso que eu tenho passado a noite no caramanchão do lado de fora da tumba; meus olhos adormecidos e entreabertos se fixaram na fenda onde o portão a cadeado estava entreaberto! Por qual milagre o observador foi iludido assim? Estou convencido agora de que um agente sobrenatural me protegeu. Ficando audacioso por essa circunstância mandada pelo céu, comecei a ir à cripta totalmente às claras, confiante que ninguém poderia testemunhar minha entrada. Por uma semana, degustei dos prazeres totais, que não posso descrever, que aquele ossuário proporcionava, quando a coisa aconteceu, e eu fui jogado a esta maldita moradia da mágoa e monotonia.

Eu não devia ter me aventurado a sair naquela noite; pois havia manchas de trovões nas nuvens, e uma fosforescência infernal se erguia do pântano no fundo do bosque. O chamado dos mortos, também, estava diferente. Ao invés da tumba na encosta, foi a mansão incendiada no alto da colina cujos demônios reinantes acenaram para mim com dedos invisíveis. Ao sair do bosque além das ruínas, contemplei ao luar envolto em brumas uma coisa que sempre esperei vagamente. A mansão, acabada há um século, mais uma vez assumia sua dignidade, cativando a visão; cada janela brilhava com o esplendor de muitas velas. Os coches da alta sociedade de Boston chegavam pela longa trilha, enquanto uma numerosa congregação de janotas empoados das mansões vizinhas chegava a pé. Misturado à multidão, achei que deveria estar entre os anfitriões ao invés de entre os hóspedes. No interior do salão, havia música, risos, e taças de vinho em cada mão. Reconheci vários rostos; talvez eu os conhecesse melhor se eles estivessem encarquilhados ou comidos pela morte e decomposição.

Entre a multidão imprudente e incivilizada, eu era o mais selvagem e mais desregrado. Blasfêmias alegres eram derramadas em torrentes de meus lábios, e em acessos chocantes, eu não respeitava nenhuma lei de Deus ou da natureza.

De repente, um trovão, mais ressonante até mesmo que o alarido do festim bestial, atingiu o telhado e provocou um silêncio de pavor nos hóspedes turbulentos. Línguas vermelhas de chamas e manchas de carbonização engolfaram a casa; e os convidados, paralisados pelo terror de uma calamidade que parecia transcender os limites da natureza desgovernada, debandaram gritando pela noite. Eu fiquei sozinho, preso ao meu assento por um medo humilhante que nunca havia sentido antes. E então um segundo horror possuiu minha alma. Queimado vivo até as cinzas, meu corpo foi dispersado pelos quatro ventos; *Eu jamais repousarei na tumba dos Hydes! Não estava meu caixão preparado para mim? Não tinha eu o direito de repousar até a eternidade entre os descendentes de Sir Geoffrey Hyde? Sim! Eu clamaria minha herança de morte, mesmo que minha alma procure através das eras por outra morada corpórea que me represente na laje vaga na alcova da cripta. Jervas Hyde nunca partilhará o triste destino de Palinurus!*

À medida que o fantasma da casa em chamas sumiu, encontrei a mim mesmo gritando e me debatendo loucamente nos braços de dois homens, um dos quais era o espião que me tinha seguido até a tumba. A chuva se derramava em torrentes, e sobre o horizonte do sul havia lampejos de raios que deveriam ter acabado de passar sobre nossas cabeças. Meu pai, com o rosto marcado de mágoa me observava, enquanto eu gritava minhas exigências de ser enterrado na tumba, freqüentemente advertindo meus captores para que me tratassem o mais gentilmente que pudessem. Um círculo escurecido no chão da mansão arruinada testemunhava um violento ataque dos céus: e desse local, um grupo de aldeões curiosos com lanternas estava cavando uma pequena caixa feita à mão em estilo antigo, que o raio havia revelado.

Cessando minha fútil e agora obsoleta resistência, observei os espectadores vendo o tesouro, e me foi permitido compartilhar suas descobertas. A caixa, cuja fechadura havia sido quebrada pelo impacto que a tinha trazido à luz, continha muitos papéis e objetos de valor, mas eu só tinha olhos para uma coisa. Era a miniatura de porcelana de um jovem numa elegante peruca cacheada, com as iniciais "J. H." entalhadas. O rosto me deixou espantado, era como se eu estivesse examinando meu espelho.

No dia seguinte, fui trazido a este quarto com janelas gradeadas, mas tenho sido informado de certas coisas por um servente idoso e de mente simples, a quem eu me apegara muito na infância, e que, como eu, amava o cemitério da igreja. Relatar minhas experiências no interior da cripta me trouxe apenas sorrisos penalizados. Meu pai, que me visita freqüentemente, declarou que eu nunca ultrapassei o porão fechado a corrente, e jura que o cadeado enferrujado não era tocado há cinqüenta anos quando ele o examinou. Ele até diz que toda a aldeia sabia de minhas jornadas até a cripta, e que eu fui visto várias vezes dormindo no caramanchão fora da fachada medonha, com olhos entreabertos fixados na abertura que revelava o interior. Contra essas declarações eu não tinha nenhuma prova tangível a oferecer, já que minha chave do cadeado havia sido perdida na confusão daquela noite de horrores. As coisas estranhas do passado que eu havia aprendido durante aqueles encontros noturnos com os mortos, ele considerava como frutos de minha vida inteira de sede de literatura entre os livros antigos da biblioteca da família. Se não fosse pelo meu velho servo Hiram, eu deveria estar agora completamente convencido de minha loucura.

Pois Hiram, leal até o fim, tinha fé em mim e me estimulou a tornar pública pelo menos parte da minha história. Uma semana atrás, ele arrebitou o cadeado cujas correntes mantinham a porta da tumba permanentemente entreaberta, e desceu com uma lanterna até suas profundezas sombrias. Numa laje numa alcova, ele encontrou um velho mas vazio caixão, cuja placa manchada tinha uma única palavra: *Jervas*. Eles haviam prometido que eu seria sepultado naquele caixão e naquela cripta.